

## CULTURA

ACERVO

# Os príncipes da floresta

Aventuras dos fotógrafos italianos Leonide e Claudio produzem o maior banco de imagens da Amazônia

CLAUDIO RENATO  
de Manaus

Depois de uma sucessão vertiginosa de aventuras que começou há 30 anos em Florença, passou por toda a Europa a bordo de um trailer, um exílio na ilha de Elba, cinco travessias transatlânticas de barco a vela e um naufrágio em Porto Seguro, os irmãos italianos Leonide e Claudio Principe decidiram se estabelecer na floresta amazônica. Há dez anos, munidos de máquinas fotográficas de última geração — como as atuais Nikkon 3 e 4 —, equipamentos de escalada e mergulho e outros apetrechos, os Príncipes fotografam a fauna, a flora, a natureza, as cidades, as manifestações culturais e os povos da Amazônia.

O banco de imagens dos Príncipes, reunido na sede da agência Photoamazônica, em Manaus, já conta com cerca de 50 mil cromos de 35 milímetros: é o maior acervo fotográfico conhecido sobre a Amazônia. A Photoamazônica vende imagens para agências de notícias e de publicidade, órgãos públicos, organizações não-governamentais, editoras, sites, empresas e revistas especializadas, científicas e turísticas do mundo inteiro, como a "Geo" e a "Das Tier" (alemãs), "Nature" (inglesa), "VSD", "Sipa Press" e "Elle" (francesas), "Photo Researches", "Forbes" e "National Geographic" (americanas).

Os irmãos fotógrafos normalmente trabalham em apoio a pesquisadores nacionais e estrangeiros, principalmente botânicos, zoólogos e antropólogos. Um desses empreendimentos está dando origem ao livro sobre orquídeas "Plantas Aéreas da Amazônia — Uma Jornada na Copa das Árvores", patrocinado pela Secretaria de Cultura do Amazonas. O projeto foi orçado em R\$ 400 mil. Em todas as empreitadas pelo mato, levam Lupus, um vira-lata robusto e valente, que perdeu o olho esquerdo numa das expedições. "Como Camões, Lupus ficou cego numa batalha", brinca Claudio.

Para fotografar as orquídeas amazônicas, plantas epífitas que se apoiam no alto das árvores, Leonide, de 49 anos, e Claudio, de 39, adquiriram equipamentos de escalada, submeteram-se a treinamento físico rigoroso e incorporaram à expedição esportistas radicais, guias e mateiros. Só nesta primeira etapa, que incluiu o aluguel de barcos, foram investidos R\$ 100 mil. As empreitadas na floresta foram supervisionadas pelo botânico Jefferson Cruz, da Universidade Federal do Amazonas. Os fotógrafos convidaram o poeta amazonense Thiago de Mello para escrever os textos e legendas das fotos. Além do livro, o projeto prevê o lançamento de um CD-ROM e, possivelmente, de um

DVD, se for fechado acordo com uma empresa americana que, segundo Claudio, demonstrou interesse.

Para o livro sobre orquídeas foram feitos 5 mil cromos. A obra terá tradução para inglês e espanhol. Para concluir o projeto, os Príncipes aguardam a liberação de R\$ 300 mil restantes para o pagamento de direitos autorais, da gravação dos CD-ROMs, dos fotolitos e da diagramação, serviço que será feito pela própria Photoamazônica. A tiragem inicial, de 6 mil exemplares, deverá ser distribuída no Brasil e no exterior, de acordo com eventos que vão surgindo, como as feiras de Frankfurt, de Los Angeles e da Bienal de São Paulo. "Acreditamos que até novembro o projeto deverá ser lançado", diz Claudio.

Irmãos por parte de pai, o panificador calabrés Carlo Principe, de 74 anos, Leonide nasceu na França e Claudio, na Itália. O patriarca é um personagem também aventureiro, que gosta de cavalgar e costuma se vestir de Zorro, segundo os próprios filhos. Há 50 anos, emigrou clandestinamente para a França, foi lavrador e até montou uma fábrica de pão. No começo da década de 60, a família voltou a morar na Calábria. O mais velho, Leonide, formou-se em arquitetura, na faculdade de Florença e, aos 18 anos, começou a fotografar. Ele chamou o irmão mais novo para a primeira aventura: viajar em um motor-home e fotografar a maior parte da Europa. No meio do caminho, os aventureiros conheceram um novo ofício, a construção de barcos a vela, e moraram cinco anos na ilha de Elba, no arquipélago toscano, onde trabalharam num estaleiro como carpinteiros navais e também

aprenderam a velejar. Os irmãos Principe adquiriram cascos e construíram o próprio barco a vela no estaleiro San Germain, no Estado de Liguria, no noroeste da Itália. Navegaram durante dez anos, fizeram cinco travessias transoceânicas e voltaram a se dedicar à fotografia. "Um dia de 1989, de volta do Caribe em direção ao Rio de Janeiro, nosso barco se chocou com um tanque de lixo abandonado e naufragamos em frente de Porto Seguro, na Bahia." Os irmãos aventureiros ficaram dois dias sobre um barquinho inflável até que, guiados pela bússola que Leonide sempre pendura ao



Leonide escala árvores para fotografar



Casa de caboclo sobre palafitas ilhada pelas águas no período de cheia



Louva-a-deus sobre orquídea: fauna e flora exuberantes

Fotos: Photoamazônica

Silva, que há seis anos vive em Manaus, zela pela administração e a conservação do banco de imagens, que fica numa sala diuturnamente climatizada.

Os Príncipes também estão fazendo um livro para o público infanto-juvenil, "O Pequeno Guerreiro Verde", de educação ambiental, patrocinado pelo hotel de selva Arianau Jungle Tower, que também arcou com a despesa do primeiro livro produzido pela agência dos irmãos, o "Emoções Amazônicas" (1996), que, na terceira edição, já vendeu em torno de 50 mil unidades. Vendido a R\$ 35, o livro — de 23,5 cm x 16 cm — é uma alternativa aos livros de arte, muito bonitos, mas caros demais (em média, R\$ 120). A empresa, que revela os próprios cromos para controlar a qualidade da água usada no processo, está em busca de patrocínio também para um caderno de fotos sobre o rio Negro, o maior afluente do Amazonas. Há três anos, a empresa dos Príncipes está na internet ([www.photoamazonica.com](http://www.photoamazonica.com)), o principal veículo de divulgação do trabalho.

Claudio Principe diz que o projeto "Rio Negro, o Gigante Oculto" — que também prevê a elaboração de um CD-ROM e de um DVD — antecipará benefícios sociais para os ribeirinhos. A ideia, explica, é levar na expedição médicos e profissionais que ensinam e implantam nas comunidades a permocultura: agricultura permanente adotada por ecoaldeias com técnicas ecológicas, como o galinheiro móvel que aduba a terra, sem utilização de agrotóxicos. "É uma maneira de otimizar a produção", afirma. Na área de saúde, a expedição, segundo Claudio, contará com um sistema denominado telemedicina. "Por computador, os médicos examinam os pacientes e se comunicam com o hospital em Manaus, que, com os dados, fornece diagnóstico completo e sugere a terapêutica necessária." O terceiro apoio aos ribeirinhos seria a educação ambiental por intermédio de peças teatrais, montadas em balsas sob uma lona de circo e encenadas pelo grupo "Caravana Arco-Íris".

Para a concretização do projeto Rio Negro serão necessárias, segundo os Príncipes, duas expedições de 45 dias cada: uma na vazante, outra na cheia. Os irmãos Principe também produziram os principais cartões-postais da Amazônia: por mês, são distribuídos no mercado até 30 mil cartões. O primeiro subproduto do banco de imagens dos Príncipes foram os 32 modelos de postais lançados na Rio-92, a conferência mundial do meio ambiente realizada no Rio de Janeiro.

pescoco, chegaram à terra firme.

Sem o barco, os Príncipes — que têm seis filhos brasileiros — decidiram abraçar o projeto amazônico em 1990. A ideia de viver e trabalhar na Amazônia foi da jornalista francesa Lúvia Monani, amiga dos irmãos, que trabalhou com o oceanógrafo Jacques Costeau. "A Lúvia conhecia um cientista que estudava o boto cor-de-rosa e nos convenceu a vir para a Amazônia", conta Claudio. "O cientista não veio, mas decidimos fotografar os botos assim mesmo; começamos com as fotos deste animal típico e místico a formar o nosso banco de imagens da região." Atualmente, o acervo conta com imagens exclusivas da área, cada qual alugada a R\$ 300.

Na Photoamazônica, Leonide, um naturalista que gosta de fazer e fumar cigarrinhos de palha, coordena o trabalho fotográfico. Há oito meses, ele vive num motor-home informatizado e tem viajado pelo Brasil afora à cata de flagrantes que possam ser registrados pelas lentes. Embora o trabalho ainda se concentre na Amazônia, Leonide já escalou e fez fotos do pico da Neblina e da chapada Diamantina. Claudio cuida da logística necessária à realização dos projetos e a mulher deste, a publicitária paulistana Suzana Souza

Há oito meses Leonide vive num motor-home informatizado, à cata de flagrantes